Entre a voz e a pluma: textos madeirenses de autoria feminina (do século XV à 1.ª metade do século XX) [1]

(…)
Neta – Minha avozinha, as mulheres também podem ter coragem?
Avó – Sim, minha filha. (…)

Viscondessa das Nogueiras,
Diálogos entre uma Avó e sua Neta (1862)

A autoria feminina permaneceu durante muito tempo sub-representada no discurso historiográfico, cultural e científico em Portugal. As ilhas portuguesas, em especial o arquipélago da Madeira, não foram exceção. Qualquer pessoa que tenha pretendido conhecer a dimensão da produção autoral feminina na Madeira não encontrará facilmente elementos informativos sobre este tipo de legado. As publicações especializadas mais recentes partilharam as mesmas dificuldades por nós sentidas [2]: a ausência crónica das escritoras madeirenses no discurso historiográfico-literário em Portugal e a não representação da autoria feminina em diversos instrumentos de acesso à informação [3]. O desconhecimento generalizado sobre o seu legado resultou numa desigualdade na memória, como referiu Chatarina Edfeldt, de uma "herança cultural negligenciada" [4] . Embora esta tendência tenha vindo a modificar-se significativamente nos últimos anos, a dimensão da cultura escrita de autoria feminina no arquipélago da Madeira ainda padece dos mesmos fenómenos de exclusão e de dispersão de informação. A principal dificuldade consiste na identificação de "textos madeirenses de autoria feminina". A invisibilidade da produção literária e não literária madeirense de autoria feminina ocorreu em diversos textos e contextos. Em primeiro lugar, as instituições de memória não dispunham de instrumentos de acesso de informação específicos, obrigando muitas vezes à exploração de diversos e extensos catálogos e sistemas de informação eletrónicos de caráter generalista ou limitados ao que existe sob a custódia dessas instituições. O resultado é que se obtinha um número muito reduzido de dados sobre autoras madeirenses a partir desses instrumentos de acesso. Em segundo lugar, a historiografia literária portuguesa, com um enfoque invariavelmente nacionalista, tem sido não só parca na análise da "literatura portuguesa da Madeira" – rejeitando tacitamente a denominação de "Literatura Madeirense" fora do quadro tradicionalista do sistema literário português – como também postergou as escritoras madeirenses de antanho, excluídas do cânone literário nacional.

Se a historiografia literária nacional [5] preteriu as escritoras portuguesas no discurso histórico-literário e canónico, mais por razões políticas e de tradição (ou seja, por razões de género) do que por razões estéticas [6], as escritoras madeirenses foram pretermitidas duplamente: por um lado, pela condição de serem mulheres; por outro, por serem insulares. Bulhão Pato (1828-1912) lamentava este facto em relação à Viscondessa das Nogueiras (1805-1888), ao considerar que se estivesse "[n]'um meio mais largo teria sido uma *escriptora* de primeira ordem" [7]. Porém, ainda que esse "meio mais largo", por hipótese, tivesse sido proporcionado às escritoras madeirenses de antanho, a produção intelectual de autoria feminina permaneceu sub-representada na historiografia literária em Portugal. Edfeldt refere que o fenómeno de marginalização das escritoras no discurso da historiografia literária tem sido uma tendência sistemática "de não conectar a literatura escrita por mulheres com as grandes linhas de força que constroem as histórias literárias" [8]. São apresentadas frequentemente à parte, em capítulos específicos ou entradas próprias em enciclopédias e dicionários, mas desconectadas da narrativa de periodização, correntes, gerações e movimentos literários. Em terceiro lugar, a comunidade académica, especialmente do domínio das Humanidades e Ciências Sociais, pouco produziu sobre a dimensão da cultura escrita no espaço atlântico, em especial sobre a criação intelectual de autoria feminina na Madeira [9]. As preferências da comunidade científica têm sido, de forma genérica, em torno das representações da mulher na literatura, na história, na arte e na ciência [10], não em torno da mulher como ente criador. Geraram-se perceções de que as obras de escritoras madeirenses anteriores ao século XX eram criações menores e fragmentárias, por não se encontrarem representadas no cânone literário português [11], e, por isso, o seu estudo e divulgação poderiam não ter qualquer relevância científica, cultural, educacional e até política. Ainda que esta tendência esteja a modificar-se, continua-se a não se dispor de uma perspetiva abrangente. Poucos trabalhos académicos se versaram sobre a produção intelectual de autoria feminina na Madeira [12], verificando-se preferência para escritoras madeirenses nascidas ao longo do século XX [13].

Conforme exposto atrás, não é rara a estratégia da historiografia literária comparar a criatividade das mulheres como uma qualidade varonil. Luzia increpava esta ideia muito comum no meio literário português nas suas Cartas do campo e da cidade (1923): "eu não suporto aquelas escritoras de quem se diz: têm a inteligência viril, escrevem como um homem…"[14]. A autoria feminina foi durante muito tempo uma qualidade onde a escrita

literária significava ter acesso a um espaço público, que, tradicionalmente, não era o espaço da mulher [15]. O caso das monjas escritoras é exemplificativo da exceção que lhes era conferida devido ao despojamento das caraterísticas de feminilidade, representadas como seres assexuados, mas, ainda assim, dependentes da tutela masculina. Apesar de a estigmatização da autoria feminina não ter diminuído no discurso historiográfico e literário português, tal não significava que não tivesse havido interesse em publicar catálogos de "mulheres notáveis" [16] ou em defender a "questão feminina"[17], como crítica aos seus detratores em Portugal. Antes do século XIX, existiram homens e mulheres que pugnaram por uma certa forma de "igualdade de género", que atesta um debate pela dignificação social e intelectual das mulheres, embora os conceitos de classe e de privilégio importassem mais do que as questões de igualdade género como entendido nos dias de hoje [18].

Ainda assim, as escritoras madeirenses não ficaram representadas na historiografia literária nacional. A pesquisa tinha de realizar-se de outra forma, isto é, através da prospeção documental. É possível recuperar em catálogos genéricos nomes de escritoras madeirenses, por exemplo, na *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado (1682-1772) [19] e no *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876) e adendas realizadas pelos seus continuadores [20]. Barbosa Machado menciona a única escritora madeirense no seu monumental catálogo, uma cronista do Convento de Santa Clara do Funchal, sóror Isabel da Madre de Deus, graças a uma referência extraída da *História Seráfica* (1656-1721) de Fr. Manuel da Esperança (1586-1670). No entanto, o seu texto não foi possível de ser localizado. De igual forma, a entrada referente à "D. Mathilde de Sancta Anna e Vasconcellos" no volume VI do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (1862) de Inocêncio Francisco da Silva, refere: "Não tenho obtido outras informações acerca d'esta senhora, se não que compozera e publicára com as iniciaes M. S. A. V. do seu nome, e talvez mais algumas, de que me falta a noticia" [21]. Estes dados ilustram a dificuldade de acesso à informação biobibliográfica sobre autores madeirenses sentida pelos bibliógrafos do continente português. Geraram-se erros que continuam a ser replicados em publicações mais recentes [22]. A perspetiva que se adopta para este artigo é estritamente documental, considerando o arquipélago da Madeira como espaço de experiência de escrita e de criação *lato sensu*, onde a experiência de escrita não se limita a textos redigidos em português e a nacionalidade como um factor de exclusão. Omitir escritoras inglesas, alemãs e francesas da "literatura madeirense" significaria incorporar o paradigma que tem regido o sistema canónico-literário português de matriz continental para o âmbito insular [23], ou seja,

reproduzir uma lógica de hierarquização, de subordinação ou de exclusão. Seria uma perspetiva muito redutora para conhecer a dimensão da cultura escrita de autoria feminina na Madeira.

Desvelando textos madeirenses de autoria feminina (dos séculos XV até 1.ª metade do século XX)

Curiosamente, há um número razoável de escritoras madeirenses representadas na historiografia literária insular e nos catálogos bibliográficos referentes ao arquipélago da Madeira, contrariamente ao que acontece na produção congénere de âmbito nacional. Somente em obras muito específicas publicadas no continente é que podemos encontrar referências sobre escritoras madeirenses. Refira-se, por exemplo, a antologia *Poetisas Portuguesas* (1917) de Nuno Catarino Cardoso [24] e Teresa Leitão de Barros, em *Escritoras de Portugal: Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa* (1924) [25]. Cardoso foi mais abrangente na recolha de textos poéticos de autoria feminina, compilando textos e elencando autoras madeirenses como Berta de Ataíde, Joana de Castelbranco, Arsénia de Bettencourt Miranda, Maria da Costa Pereira, Luísa Maria Pereira (*sic*), Emília Acciaiolly Rego Sénior e Viscondessa das Nogueiras. No entanto, Barros criticou veementemente a compilação feita por Cardoso, considerando a produção poética de autoria feminina como não representativa da "boa" literatura. Barros considerou que muitos dos textos coligidos se caracterizavam por estarem eivados de um "sabor açucarado e piegas" [26], extraídos na sua maioria dos almanaques, antologias, jornais ou monografias que elas "enramalhetaram à vontade, em rimas fáceis, todos os «amores» e «flores» dos seus simbólicos jardins" [27].

Para identificar textos madeirenses de autoria feminina, é preciso considerar não só algumas obras de referência sobre a Madeira mas também uma panóplia de instrumentos de acesso à informação. Podemos considerar que há seis fontes principais para o conhecimento da produção de autoria feminina produzida na Madeira: nos periódicos literários insulares; nos almanaques e revistas; nas antologias literárias de autores insulares; na publicação monográfica da iniciativa das autoras; em catálogos bibliográficos sobre património documental insular e, por último, na historiografia literária. Passaremos a caraterizar cada um destes aspetos.

Desde inícios do século XIX, os jornais madeirenses foram o principal (e por vezes o único) veículo para a publicação de textos literários [28]. É possível encontrar manifestações da

autoria feminina em *O Patriota Funchalense* (1821) ou em periódicos mais especializados, como *O Beija-Flor* (1842), a *Aurora do Domingo* (1862), o *Archivo Litterario* (1863), *O Crepúsculo* (1865); ou *O Recreio* (1863-1864), *A Aurora Liberal* (1875-1876) e *A Grinalda Madeirense* (1880-1881), dinamizados pelos discentes do Liceu do Funchal. Os periódicos noticiosos continham, também, secções próprias em colunas ou em folhetins, onde os autores madeirenses publicavam os seus textos. Tais secções cobrem uma grande diversidade geológica, tanto em prosa como em verso, incluindo textos dramáticos.

A literatura madeirense de autoria feminina encontrou na imprensa periódica um lugar insubstituível para dar-se a conhecer, subscrevendo anonimamente ou sob pseudónimo, com iniciais do seu nome ou por extenso. No caso do século XIX, a produção literária das escritoras madeirenses encontra-se dispersa em diversos periódicos insulares, na sua maioria, poesia lírica, sendo possível encontrar traduções de autores franceses e ingleses. O desconhecimento que se tem acerca da produção literária de autoria feminina neste meio de publicação deriva, em grande parte, da inexistência de catálogos analíticos, o que implica, na maior parte das vezes, compulsar cada jornal. Os textos de Arsénia Bettencourt Miranda, Joana de Castelbranco, Maria da Costa Pereira, Emília Acciaiolly Rego, entre outras, encontram-se disseminados neste tipo de publicações.

Os almanaques constituem outro veículo de divulgação da produção textual feminina [29], de periodicidade anual mas com um espaço de divulgação mais amplo do que o espaço insular. O *Almanaque de Lembranças*, fundado por Alexandre Magno de Castilho em 1850, depois *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, e, mais tarde, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932), para além do *Almanach das Senhoras* (1870-1927), criada por Guiomar Torrezão e Albertina Paraíso, disponibilizavam às escritoras madeirenses um espaço mais alargado de colaboração literária e artística, ou seja, em contexto lusófono. Publicavam igualmente nos almanaques insulares, como no *Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário* (1874-1875) [30], no *Almanach de Lembranças Madeirense* (1908-1910) [31] e no *Almanach Ilustrado do Diário da Madeira* (1913) [32], divulgando autoras não só dentro de um espaço inter-insular mas também junto das comunidades madeirenses e açorianas espalhadas pelo mundo. Neste tipo de publicações, as escritoras madeirenses colaboravam não só com textos poéticos mas também com textos em prosa ou com textos lúdicos, como por exemplo charadas, enigmas e logogrifos.

No caso das antologias literárias sobre autores madeirenses, que surgem na segunda metade

do século XIX, este tipo de publicações constituir-se-á a principal fonte de informação referente à atividade literária realizada no arquipélago [33]. Antologias poéticas como *Flores da Madeira* (1872), de José Leite Monteiro e Alfredo Cesar de Oliveira [34], e *Álbum Madeirense* (1884), de Francisco Vieira [35], integraram textos de Luísa Maria da Costa Pereira, de Leolinda Jardim Vieira, de Georgina Dias de Almeida, Viscondessa das Nogueiras e Emília Henriqueta Acciaiolly Rego. Muitos dos aspectos relativos a dados biográficos foram elucidados por Alberto Gomes [36].

No entanto, nos inícios do século XX, estas antologias foram criticadas pela falta de refinamento na seleção dos autores [37]. Em 1944, a editora "Eco do Funchal" publicou *Sete Poetas Madeirenses* [38], contando com a colaboração de Eugénia Rego Pereira. No entanto, uma das antologias mais relevantes do século XX, introdutora de uma nova estética literária, *Arquipélago* (1952) [39], não consta qualquer colaboração de autoria feminina. Encontraremos apenas em Luís Marino (pseudónimo de Luís Gomes da Silva) uma extensa compilação na sua *Musa Insular* (1959) [40], que consiste numa abordagem "enciclopédica" sobre a produção poética realizada na Madeira.

Já em contexto autonómico, publicaram-se, na esteira do *Arquipélago* (1952), as antologias *Ilha 2* (1978) [41], *Ilha 3* (1991) [42], *Ilha 4* (1994) [43] e *Ilha 5* (2008) [44], que reúne a produção poética de escritores madeirenses contemporâneos, já com participação feminina. Em 1986, contudo, publicou-se uma *Antologia Literária: Madeira* [45], entre os séculos XV e XX (exceto o século XIX), onde a participação feminina anterior a 1900 é praticamente inexistente. Mais tarde, a falta de uma antologia de escritoras madeirenses foi realçada por Ana Margarida Falcão [46], propondo uma publicação que não chegou a concretizar-se. As escritoras madeirenses coligidas para antologias literárias restringiram-se à produção feita, salvo raras exceções, no século XX e XXI [47]. Conforme se pode verificar, as antologias literárias foram produto das circunstâncias e mundividências de cada época e dos critérios estético-literários adotados pelos seus compiladores.

No que diz respeito a monografias, o número de publicações é escasso, mas muito representativo. É possível encontrar desde obras originais até traduções de autores estrangeiros, publicando no Funchal, Lisboa, Porto e Paris, por vezes sob forma de literatura de cordel. Entre as principais pioneiras deve-se fazer menção para os romances históricos de Maria do Monte de Santana e Vasconcelos, o romance histórico e texto didático da Viscondessa das Nogueiras, um ensaio histórico de Josefina Perestrelo e um diário de viagens

de Celina Sauvaire da Câmara, os romances e narrativa autobiográfica de Luzia e poesias líricas de Berta de Ataíde, de Joana de Castelbranco e Eugénia Rego Pereira [48]. No caso das composições musicais, Amélia de Azevedo publicou em Paris e em Lisboa peças originais para piano e para canto. Quanto às traduções de autores estrangeiros (ou versões do português para língua estrangeira), algumas escritoras madeirenses possuem obras publicadas, com especial realce para Viscondessa das Nogueiras.

No que diz respeito aos catálogos bibliográficos insulares, faz-se especial realce para o *Catálogo bibliográfico do arquipélago da Madeira* (1950) de José Joaquim Rodrigues [49] e para *Madeira, investigação bibliográfica* (1982-1984) [50], baseado no acervo da Biblioteca Municipal do Funchal. Embora muitos dos catálogos bibliográficos se encontrem disponíveis na *web*, não tem sido conduzida uma pesquisa retrospetiva mais abrangente sobre a produção de autoria feminina. Além disto, como já referimos, estes instrumentos dão a existência de obras de autoria feminina mas raras vezes identificam qual é a instituição custodiante onde esses textos se encontram (normalmente em arquivos e bibliotecas públicas, mas não necessariamente estas). Certas autoras, como a Serva de Deus Maria da Encarnação, que se conserva na Biblioteca da Ajuda (Lisboa), não aparecem nos catálogos eletrónicos e em suporte analógico. O mesmo se coloca no caso dos arquivos, onde as descrições das unidades documentais não evidenciam nos seus metadados descritivos de que estamos perante textos de autoria feminina. Este caso, por exemplo, é recorrente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Conforme se pode verificar, os critérios de descrição de bens documentais em instrumentos de acesso à informação, qualquer que seja a convenção ou garantia literária de suporte, podem obscurecer o facto de determinado documento ser de autoria feminina. Sobre a produção enciclopédica [51], o *Elucidário Madeirense* (1921-1940) [52], coordenado pelo Pe. Fernando Augusto da Silva e por Carlos Azevedo de Meneses, constitui uma das principais fontes de informação sobre a produção literária e não literária realizada na Madeira.

Os autores do verbete “Literatura” referem que poucos escritores madeirenses deixaram o “nome aureolado na história literária do país” [53]. Apesar de ser possível recuperar várias autoras madeirenses ao longo destes volumes, os autores deste verbete apenas exemplificam como escritoras a Viscondessa das Nogueiras e Joana Castelbranco. No caso das *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira* [54] do Visconde do Porto da Cruz, em três volumes, estruturado segundo uma abordagem cronológica, somente a partir

do segundo e terceiro volumes é possível encontrar referências sobre escritoras. Porém, a perspetiva do Visconde do Porto da Cruz sobre as escritoras madeirenses revela uma condescendência paternalista ao criticar as suas (escassas) produções literárias, considerando "todas elas mais ou menos eivadas daquela pieguice" [55], ou que "se destacam notavelmente da mediania das produções poéticas do elemento feminino dessa época" [56], caracterizadas pelo "banalismo piegas, da época" [57] ou de "um banalismo atroz e sem o menor interesse literário" [58]. Entre os comentários misóginos [59] e a admiração pela Viscondessa das Nogueiras, por Laura Veridiana de Castro e Almeida Soares, por Matilde de Sauvaire da Câmara, por Luzia, pela sua própria mãe, Ana Augusta de Castro Leal de Freitas Branco, entre outras, o Visconde do Porto da Cruz procurou realizar uma sistematização da produção literária madeirense, dentro da mundividência da época e das limitações que enfrentou durante a pesquisa [60]. Dentro do mesmo espírito enciclopédico e histórico, realce-se para *Registo bio-bibliográfico de madeirenses: sécs. XIX e XX* (1986) de Luiz Peter Clode [61], que contém referências biobibliográficas que ampliam informações sobre autoras madeirenses não presentes no *Elucidário Madeirense* e nas *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*. Porém, verifica-se a persistência da ausência de dados biográficos precisos sobre escritoras madeirenses [62]. Entre as produções mais relevantes para a historiografia literária do arquipélago da Madeira, realçamos o monumental dicionário biobibliográfico, em dezasseis volumes ainda inéditos, do *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira* (1959?-1986) de Luís Marino [63], que se conserva no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Este instrumento possui uma das mais abrangentes compilações biobibliográficas de textos e autores madeirenses desde o século XV até ao século XX. Além disto, permaneceram inéditos dois volumes de *Temas Literários (Partes I e II)* que compilam "biografias, crítica literária, poesia, depoimentos, transcrições e inéditos de centenas de autores" [64]. No entanto, é indispensável olhar criticamente para cada uma das entradas, uma vez que não estão isentas de incorreções (por exemplo, dados biográficos dúbios, incompletude dos registos, critérios de inclusão). Em alguns casos, criaram-se pseudónimos sem qualquer fundamentação, apesar de consagrados, que é o caso de "Lília Amada" [65]. Conforme se pode verificar, muito poucos estudos se versaram sobre a produção intelectual de autoria feminina na Madeira.

A produção documental de autoria feminina apresenta-se com uma grande diversidade de tipologias textuais e documentais. Identificámos diversos repositórios institucionais e classificámos documentos de arquivo, monografias, periódicos e outras tipologias

documentais. A seguir caracterizaremos, sem ânimo de exaustividade, as principais características da cultura escrita de autoria feminina no arquipélago da Madeira:

(1) Biografia, autobiografia, epistolografia e narrativas de viagens. O que este *cluster* de géneros literários têm em comum consiste no facto de serem textos escritos maioritariamente na primeira pessoa, partilhando do ponto de vista genológico alguns casos de hibridismo ou de contaminação. A epistolografia e as narrativas de viagens são os géneros literários mais cultivados entre as escritoras madeirenses e estrangeiras que passaram ou viveram na Madeira. As mais antigas referências dizem respeito à correspondência administrativa, familiar e confessional. Realçamos o caso da Serva de Deus, Maria da Encarnação, do Convento de Nossa Senhora da Encarnação do Funchal [66], cujas cartas foram compiladas e validadas por via notarial, para compor a *Vida* [67], redigida pelo Pe. João Ribeiro, S. I. É através desta correspondência que se pode conhecer dimensões desconhecidas sobre a vida privada e social das religiosas madeirenses no século XVII. No entanto, pouca correspondência de autoria feminina sobreviveu, exceto algumas cartas de natureza familiar que se conservam, ainda inéditos, por exemplo, na Biblioteca da Ajuda, no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira e no estrangeiro, como no Arquivo Apostólico do Vaticano. Somente em finais do século XVIII e inícios do seguinte é que se pode encontrar relatos de viagens de autoras inglesas, alemãs, francesas e americanas, como Maria Riddell, Ida Pfeiffer, Albine-Hélène de Vassal, Elisabeth Phelps, Maria Dundas Callcott e Sarah Bowdich Lee. Encontrámos produção diarística ou narrativas de viagens, por vezes sob forma epistolográfica, em casos como Maria Phelps, Emily Smith, Helena Parham, Louisa Lowrie, Anna Maria von Werner, Ellen Taylor, Isabella de França, ou membros da realeza e nobreza europeias, como a imperatriz consorte do México, Carlota da Áustria. No caso das autoras nascidas na Madeira (de comunidades portuguesa e britânica) que cultivaram a narrativa de viagens refira-se para Alicia Bewicke Little, Celina Sauvaire da Câmara, Maria de Cabedo e Luzia. Importa mencionar, também, Elisabeth Josephine Craig pelo seu contributo na divulgação da gastronomia madeirense que podemos integrá-la no domínio das narrativas de viagens. No caso das comunidades madeirenses em contexto de emigração, sob forma biográfica e epistolográfica, refira-se Jesuína Teresa Martins e Ana Martins Gouveia, escritos no Havaí.

(2) Desenho, pintura e fotografia. As principais cultoras deste tipo de legado documental são autoras britânicas. A produção que se conhece vai do desenho científico da fauna e flora da

Madeira – como Sarah Bowdich Lee, a *Honourable* Elisabeth Norton e Mary Young (colaboradoras do Reverendo Thomas Lowe), as irmãs Jane Wallas Penfold e Augusta June Robley, e as irmãs Du Cane – até representações da paisagem e costumes madeirenses, como Isabella de França, Susan Vernon Harcourt e Emily Smith. No campo da fotografia é indispensável realçar para Amélia Augusta de Azevedo (embora insuficientemente identificado) e Mildred Blandy. Desconhecem-se, por exemplo, as obras de Maria Ornelas e de Gabriela Tcherkessoff, dado não se dispor de estudos sobre artistas madeirenses no período em estudo.

(3) Dissertações académicas, textos didáticos, ensaio e historiografia. O século XX é o período em que se pode verificar um número significativo de autoras de textos académicos para obtenção de habilitações literárias. Temos o caso de Cristina da Cunha, que publicou uma tese de doutoramento intitulado *Sobre o estudo estatístico e toxicológico dos envenenamentos pelo arsénio* (1925). No domínio da prosa didática, é necessário realçar os *Diálogos entre uma Avó e sua Neta* (1862), aprovado pelo Conselho Geral de Instrução Pública, constituindo um texto pioneiro em termos de manuais didáticos publicados em Portugal. Outro manual didático, orientado para técnicas de canto, é da autoria da madeirense, Gabriela Tcherkesoff, publicado em França sob o título *La Technique Vocale Simplement Expliquée* (1932). No âmbito do ensaio, Josefina Perestrelo é autora de um estudo histórico e biográfico sobre o Marquês de Pombal, publicado em Lisboa em 1882.

(4) Poesia. É um dos géneros literários mais cultivados. Grande parte da produção poética surge em inícios do século XIX, especialmente no segundo quartel da primeira metade do século, com Lília Amada, Mariana Pimentel Maldonado e Viscondessa das Nogueiras. Identificámos três ambientes de publicação. Em primeiro lugar, os textos poéticos encontram-se dispersos em jornais, almanaques e antologias literárias. As colaboradoras mais assíduas foram Arsénia Bettencourt Miranda, Joana de Castelbranco, Viscondessa das Nogueiras, Maria Isabel Gamito de Oliveira e Maria Luísa da Costa Pereira. Em segundo lugar, algumas escritoras reuniram em livro as suas produções poéticas, como Berta de Ataíde, Joana de Castelbranco, Mariana Xavier da Silva Freire, Maria Rita Chiappe Cadet, Eugénia Rego Pereira, as irmãs Luisa e Arabella Shore. No caso da poesia popular, devemos realçar Jesuína Teresa de Jesus Martins e Virgínia Gonçalves de Freitas Vieira, porque, sendo analfabetas, os seus textos sobreviveram através da mediação da escrita masculina. Por último, há uma prevalência para o ineditismo, não sendo possível identificar o seu paradeiro

dos manuscritos, em casos como Carolina Matilde Esmeraldo, Emília Henriqueta Acciaiolly Rego, Lília Amada, Mariana Pimentel Maldonado, Margarida de Sabóia Pestana Pereira Pinto, entre outras, excentuando-se aquelas que destruíram *manu propria*. Há que ressalvar para presença de poesia infantil e juvenil para casos como Maria Francelina Morais de Lunet, Emília Acciaiolly Rego e Maria Elvira Gomes de la Mata Diniz. No entanto, as colaborações esporádicas ou o aparecimento e desaparecimento súbito de poetisas não deixavam indiferente os leitores [68]. Em termos gerais, os *topoi* mais recorrentes da poesia madeirense de autoria feminina – atendendo incidem sobre eventos familiares, como o aniversário de nascimento ou morte de um ente querido, a celebração da maternidade, a saudade em contexto de emigração, devoção religiosa, temas encomiásticos em torno de personalidades, instituições e de exaltação da beleza da ilha, a guerra civil de 1828 a 1834. O interesse pelo mito de Machim e Ana de Arfet foi cultivado por duas poetisas alemãs, Pauline Schanz e Amalie von Liebhaber.

(5) Prosa em jornais, revistas, artigos de opinião e discursos. Trata-se de uma dimensão muito heterogénea, contando entre as colaboradoras que publicam assiduamente em periódicos e as que não se conhece mais do que uma única publicação. Dado que os instrumentos de acesso à informação disponíveis sobre periódicos portugueses muitas vezes não catalogam o conteúdo, considera-se que a dimensão de colaboradoras madeirenses pode estar infradimensionada [69],. Verifica-se uma forte presença de pseudónimos, alguns correspondendo a uma espécie de "transgenerismo literário", como a "querela das freiras" de *O Patriota Funchalense* ("Huma Freira Zelosa Da Verdade" e "Senhora Freira Constitucional", que se supõe ser de autoria masculina) e César Ortigão, para o caso de Olímpia Pio Fernandes. Algumas escritoras madeirenses reuniram em livro as suas publicações dispersas em periódicos insulares e nacionais, como Maria de Cabedo, Judite Moniz, Maria Rita Chiappe Cadet e Mariana Xavier da Silva Freire. Entre as mais prolíficas colaboradoras devemos realçar Júlia Graça de França e Sousa, mas há um conjunto de textos não identificados, como Maria Ornelas e Guilhermina Adriana Teixeira e Sousa Moniz, pelas dificuldades acima indicadas. Dentro deste segmento, importa integrar discursos, palestras, entrevistas ou conferências, que constituem um conjunto documental desconhecido, devido, em alguns casos, ao ineditismo e raridade de exemplares, sendo de realçar Maria de Cabedo, Isaura dos Passos Jardim, Júlia de França e Sousa e Margarida Olim Marote Ramos.

(6) Romance, novela, conto e crónicas literárias. As principais cultoras do romance histórico

foram Maria do Monte de Santa e Vasconcelos e Viscondessa das Nogueiras. No domínio do conto e das crónicas literárias, deve-se referir as obras de Luzia, Maria Augusta de Lima Vieira de Abreu, Maria da Soledade, Olímpia Pio Fernandes, Maria de Cabedo, que se encontram publicadas em monografias ou disseminadas na imprensa periódica. Verifica-se, também, a presença de escritoras britânicas que escreveram na Madeira, como a prolífica romancista e novelista Evelyn Everett-Green e Mary Saunders O'Malley. No caso do romance satírico, refira-se a autoria sob o pseudónimo Domingas de Ornelas Augusta, intitulado *O Ferreiro*, reeditado duas vezes no Funchal em 1872. No âmbito da literatura infanto-juvenil, importa referir os contos de Maria Francisca Teresa, Maria das Dores Sauvaire da Câmara e Maria Rita Chiappe Cadet.

(7) Teatro, artes performativas, composição musical e cinema. Apesar de muitas das obras de autoria feminina terem permanecido inéditas ou em paradeiro incerto, podemos encontrar algumas peças de teatro que foram estreadas no Funchal a partir da segunda metade do século XIX. É de realçar autoras como Olímpia Pio Fernandes, Carolina Dias de Almeida, Matilde Olímpia Sauvaire da Câmara e Eugénia Rego Pereira. No que toca à música, é de realçar a presença de compositoras madeirenses, como Amélia Augusta de Azevedo e Matilde Olímpia Sauvaire da Câmara, cuja produção ainda se encontra dispersa e manuscrita. No âmbito do cinema, refira-se a participação de Eugénia Rego Pereira em *O Fauno das Montanhas* (1926) e de Maria Augusta de Lima Vieira de Abreu, como atriz em *A Calúnia* (1926), ambos de Manuel Luís Vieira. Há referências de Maria de Cabedo ter escrito um argumento para filme intitulado *A fascinação do Mar*, que permaneceu inédito.

(8) Textos da atividade administrativa. Para os períodos do século XV até finais do século XVIII, pouco se sabe sobre a dimensão da cultura escrita de autoria feminina no arquipélago da Madeira até à introdução da tipografia em 1821. Uma das caraterísticas mais frequentes consiste na mediação da voz das mulheres em textos oficiais escritos por escrivães ou notários, como testamentos, correspondência e documentos administrativos. Por exemplo, no testamento de Maria de Bettencourt (1417-1494) é possível identificar a sua voz autoral, como Macedo refere, "entrecortada na estrutura formular da tradição amanuense" [70]. Apesar de o texto se encontrar enunciado na primeira pessoa, é um documento que simultaneamente não só cumpre fins administrativos e patrimoniais mas também é um texto com contéudo (auto)biográfico. Entre as mulheres que tiveram acesso à cultura escrita na Madeira, temos as escrivãs dos conventos madeirenses. Conhecem-se textos de natureza

administrativa, em áreas funcionais como a administração financeira, patrimonial, de registos vitais e da correspondência oficial [71]. No âmbito da documentação empresarial, identificámos Vera Way Marghab, que desenvolveu a sua atividade como mulher de negócios no setor do bordado da Madeira no Funchal, cujo acervo arquivístico, bibliográfico e museológico se encontra totalmente deslocado nos Estados Unidos da América.

(9) Textos da tradição oral e popular. Num arquipélago onde as taxas de analfabetismo foram particularmente elevadas para o sexo feminino no período aqui considerado, verifica-se um número elevado de mulheres informantes de textos de tradição oral e popular. As zonas rurais insulares constituem espaços onde se verifica maior preservação destes textos, devido ao seu isolamento e menor contacto com as zonas citadinas e meios de comunicação. Contudo, este tipo de textos sofreu forte declínio ao longo do século XX. Como refere Ferré, "os textos da literatura tradicional encontram-se fixados nas memórias dos seus portadores e nelas se reescrevem, no acto de aprendizagem, para, finalmente, se transmitirem, pela voz a outras memórias submetidas às mesmas regras" [72]. Apesar de os compiladores não terem fornecido elementos biográficos mais detalhados sobre as suas informantes, foi possível identificar, através da idade e data da recolha, textos e nomes como Ana de Araújo Longueira, Augusta Vieira, Cândida Gonçalves Telo, Guilhermina dos Santos, Cristina Vieira da Costa e Umbelina Teixeira Mendes. Este filão de guardiãs da cultura oral e popular evidencia que estas informantes cultivaram este tipo de textos, normalmente em ambiente doméstico e familiar, suportada na memorização e na repetição, com textos de conteúdo profano ou religioso [73]. Não pudemos, contudo, recuperar em Rodrigues de Azevedo, informação sobre eventuais informantes [74]. De igual forma, não tivemos acesso à obra de Joanne Burlingame Purcell (1938-1984), que realizou um levantamento nos Açores e na Madeira entre 1969 e 1971 [75].

(10) Tradução literária. Um número significativo de escritoras madeirenses dedicou-se à atividade tradutícia, com prevalência para autores franceses e ingleses. As principais cultoras foram Carolina Matilde Esmeraldo, Matilde Laura Soares Pestana Coelho, Viscondessa das Nogueiras, Eliza Newton Smart e Maria Francisca Teresa, que publicaram em livro as suas traduções, exceto Josefina Perestrelo, que publicou apenas em periódicos insulares. O caso de "Enrico Le Prêtre" da Viscondessas Nogueiras, publicado em Paris em 1888, constitui um único caso de versão para francês do romance de Alexandre Herculano. Há, porém, que ter presente que muitas das traduções publicadas nos jornais madeirenses dos século XIX

aparecem de forma anónima, não sendo possível aferir se estamos na presença de textos de autoria feminina.

Epílogo: para uma memória insular no feminino

Pelo que se sabe da produção textual de autoria feminina antes do século XIX, a dimensão da cultura escrita será predominantemente manuscrita e com fins utilitários. A mediação da voz feminina pela mão masculina permaneceu durante muito tempo em diversos documentos de arquivo, apesar de a estrutura diplomática do texto estar focalizada na primeira pessoa. Exemplo disto é o testamento de Maria de Bettencourt, que corresponde a um dos mais remotos testemunhos de autoria feminina no espaço atlântico. No caso dos conventos femininos Madeirenses – especialmente os Conventos de Santa Clara, de Nossa Senhora da Encarnação e de Nossa Senhora das Mercês – pouco se estudou sobre a cultura escrita das religiosas madeirenses. Deve-se a Fountoura a chamada de atenção para a sua produção documental [76], que, encontrando-se dispersa entre o Arquivo Regional da Torre do Tombo e o Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, realçou a atividade das escrivãs dos conventos. De facto, as escrivãs dos conventos madeirenses detinham um nível de conhecimento que não se circunscrevia ao registo da atividade administrativa (financeira, patrimonial, da vida consagrada). Fontoura refere que as religiosas madeirenses cultivaram "a música sacra, a escrita, a aritmética, a caligrafia e as artes menores tais como o desenho, a pintura e a miniatura" [77]. É possível encontrar evidências referentes não só à atividade cronística, por exemplo, a obra perdida de soror Isabel da Madre de Deus. Porém, não se conhece a existência de livrarias conventuais femininas na Madeira [78] nem existem estudos sobre a atividade dos cartórios conventuais femininos e hábitos de leitura [79]. É através da *Vida* da Serva de Deus Maria da Encarnação que encontrámos referências na primeira pessoa o apoio do fundador do Recolhimento de Santa Teresa, cónego Henrique Calaça de Viveiros, e dos religiosos da Companhia de Jesus do Funchal em facilitar o acesso a autores como Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, através do empréstimo, aquisição ou transcrição de textos para a religiosa leiga madeirense. Relativamente ao século XVIII, é possível identificar alguma atividade epistolar, mas estamos na presença de um período pouco estudado e identificado. O que vamos encontrar a partir da segunda metade do século XVIII e inícios do século XIX são textos de escritoras estrangeiras, especialmente relatos de viagens de expressão inglesa, alemã e francesa. Tais textos demonstram uma diversidade de propósitos que constituem um olhar exógeno sobre o arquipélago, desde o relato de

experiências e vivências na Madeira enquanto destino de turismo terapêutico ou como destino para naturalistas e exploradoras, registados em narrativas ou em desenhos, ou simplesmente um retiro para a criação literária, como a escritora Evelyn Everett-Green.

Todavia, encontrámos muitos casos de ineditismo, que constitui um dos elementos limitadores para a identificação e localização de exemplares. São muitas as referências e poucas as que efetivamente se conservam em arquivos e bibliotecas. Outro aspecto relevante em relação a textos madeirenses de autoria feminina consiste nos mecanismos de mediação da sua voz, presente não só, como já referido, em documentos de arquivo (testamentos, requerimentos, correspondência oficial), mas também em prefácios dos seus romances, livros de poesias ou na prosa jornalística, com raras exceções, como Joana de Castelbranco. É preciso lembrar que o *Código Civil* português de 1867 obrigava a que toda a criação intelectual de autoria feminina dependesse da bondade da tutela masculina, como refere o artigo 1187.º: "A mulher auctora não póde publicar os seus escriptos sem o consentimento do marido; mas pode recorrer á auctoridade judicial em caso de injusta recusa delle" [80]. Contudo, não é raro em Portugal encontrar mulheres que fundaram a sua própria tipografia para publicar em liberdade, como a cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich (1805-1883) e a açoriana Alice Moderno (1867-1946).

De acordo com Macedo, há dois factores determinantes para a epifania de escritoras e artistas madeirenses desde o século XIX: o acesso das mulheres à educação e a introdução da tipografia na Madeira [81]. Em primeiro lugar, a introdução da tipografia na Madeira [82], pela iniciativa do madeirense Nicolau Caetano Bettencourt Pita, em 1821, trouxe efeitos multiplicadores para uma comunidade insular maioritariamente analfabeta, de cultura de base oral e de circulação documental manuscrita. Representou uma importante revolução industrial de iniciativa Liberal para a Madeira no domínio da informação. Tal favoreceu não só a criação de um mercado livreiro e editorial, anteriormente inexistentes, como também facilitou a institucionalização de bibliotecas públicas, como a Biblioteca Municipal do Funchal (1838), aproveitando o contexto de confisco das livrarias conventuais ocorrido a partir de 1834, e desenvolver um serviço público de leitura. Em segundo lugar, o alargamento do acesso das mulheres madeirenses à educação pública. Ainda que a reforma pombalina de 1772 contemplasse a criação de escolas régias femininas na Madeira, persistia um preconceito relativamente à necessidade de as mulheres (e as classes populares) terem direito a uma educação letrada, conforme se pode verificar em diversos jornais madeirenses

do século XIX. Marceliano Ribeiro de Mendonça (1805-1866), Comissário dos Estudos do Distrito do Funchal, referiu em 1856 [83], a propósito da criação da escola pública de meninas de Câmara de Lobos, que o destino da mulher se concretizava como mãe, filha, esposa e educadora da sociedade: "[só] quando a mulher for bem educada, poderá educar bem a família que se criar de roda dela, à sombra do seu amor e solicitude maternal" [84]. Na verdade, as classes mais possidentes da Madeira dispunham de várias alternativas: ou entregavam a educação das primeiras letras ao cuidado dos conventos femininos; ou contratavam precetores ou precetoras para educarem as suas filhas em contexto doméstico [85], como os *Diálogos entre uma avó e sua neta* (1862) da Viscondessa das Nogueiras são exemplo; ou, ainda, a criação de escolas privadas, como por exemplo a iniciativa das comunidades inglesas radicadas na Madeira, especialmente a família Phelps [86]. A conjugação destes dois fatores proporcionou às mulheres insulares, aos poucos, o acesso a um espaço público, que tradicionalmente era um espaço masculino.

Contudo a emancipação das mulheres madeirenses no século XIX gerava receios a muitos homens, pelo medo de as converterem em *femmes savantes* ou a exigirem novos direitos [87], como se pode atestar no excerto do poema satírico de José António Monteiro Teixeira (1795-1876), em *Verdades Singelas* [88]:

> Dama que monta um ginete
> Como a filha de um Bedoim;
> Que fala hebraico e latim,
> Canta mal, toca machete;
> Que tem feito comentários
> Sobre Strabo ou Ptolomeu,
> Não a quero eu.
> Mulher franca, e assaz mansinha,
> Fecunda modicamente,

> Lendo pouco, e experiente
> Na costura e na cozinha;
> Que reza o terço, e amamenta
> As criancinhas que pare,
> Deus ta depare.
>
> Pálida freira professa,
> Dos mancebos admirada,
> Que se torna mui rosada
> Enquanto o padre a confessa;
> Que às ocultas da abadessa
> Recebe escritos, e lê-los,
> Não quer só Deus.
>
> *(José António Monteiro Teixeira (1795-1876), em Verdades Singelas)*

Ainda assim, diversas madeirenses não se limitaram ao mundo privado da família ou resignadas a permanecerem por detrás dos muros dos conventos: vê-la-emos nas escolas, no teatro, nas instituições de beneficência, nas empresas, nos hospitais, em entidades públicas, não só na Madeira mas também em Portugal Continental e na diáspora. Personalidades como a cantora Júlia de Atouguia de França Neto (1825-1903), a compositora Amélia Augusta de Azevedo (1844-1914), a obra humanitária de Madre Catarina de Jesus Cristo (1869-1957) e a cantora Gabriela Tcherkesoff (1879-1943) obtiveram na sua época reconhecimento internacional.

É através do seu legado documental que as escritoras madeirenses demonstraram que tinham consciência do seu papel no mundo, da necessidade de desbravar um percurso para que as gerações seguintes pudessem superá-lo, como a poetisa faialense Joana de Castelbranco refere no seu poema “A instrução da mulher” (1873) [89]:

> Mulher! Bendita seja a luz divina,
> que te sorri à mente pensadora,
> formosa e deslumbrante como a aurora,
> que os amplos horizontes ilumina.

Nessa crença que a liberdade ensina
tu vens, como uma estrela sedutora,
triunfante mostrar ao mundo agora
da ciência o amor, que te domina.
(…)
A vil ignorância rolou no abismo…
O rígido império, que o génio oprimiu
Vergando na base de orgulho insensato,
À luz do estudo, tremeu e caiu.

O sexo olvidado do mal se resgata,
Nos livros ganhando direito também:
A glória ressoa nas obras fulgentes
De Staël, Sevigné, Ancelot, Girardin.

Enfim, vede agora a mulher triunfante
Do amor, do trabalho o exemplo espalhar;
Em luta incansável, nos livros da história,
A auréola do génio também conquistar.
(…)
Assim a mulher, que a luz rodeia
O verbo progressivo dessa ideia
Derrama sem cessar.
Só ela, pelo estudo, pode um dia
Esmagar a opressão, a tirania
E os povos resgatar.

(Joana de Castelbranco, "A instrução da Mulher", In A Lâmpada. Funchal. N.º 23 (13-05-1873): p. 3; republ. Diário de Notícias. Funchal. N.º 188 (06-05-1877): p. 1-2)

Em síntese, um segmento significativo de textos de autoria feminina produzidos na Madeira entre os séculos XV e XIX permaneceu desconhecido do grande público e da comunidade científica. A dispersão das fontes e o obscurecimento da representação da autoria feminina em instrumentos de acesso à informação e na historiografia literária nacional e insular

constituem condições que limitaram durante muito tempo o acesso e fruição dos seus textos e criações. A estratégia de transposição dos critérios axiológicos do mainstream historiográfico-literário nacional para o âmbito insular apenas serviu para gerar os mesmos efeitos de marginalização, de fragmentação e de latência em torno de um legado documental de autoria feminina insular em si muito diverso.

Imagem: Pormenor editado de Wikimedia commons: The Letter, Alfred Stevens (https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alfred_Stevens_-_The_Letter.jpg)

Notas:

- [1] Este artigo corresponde a uma versão abreviada do *Dicionário (incompleto) de escritoras madeirenses e de textos de autoria feminina*, agraciado com o Prémio Municipal Maria Aurora para a Igualdade de Género em 2019 pela Câmara Municipal do Funchal. O texto encontra-se acessível no repositório da Universidade de Coimbra via URL http://hdl.handle.net/10316/89420. Os dados das escritoras mencionadas neste estudo poderão ser conferidos nos verbetes indicados na ligação atrás referenciada.
- [2] Vanda Anastácio, *Uma antologia improvável a escrita das mulheres, séculos XVI a XVIII* (Lisboa: Relógio d'Água, 2013); A Oliveira, *Escritoras brasileiras, galegas e portuguesas* (Lisboa: Editorial Caminho, 1993); Conceiçao Flores, Constancia Lima Duarte e Zenobia Collares Moreira, *Dicionário de escritoras portuguesas : das origens à atualidade* (Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2009); VV. AA., "Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900", *Universidade de Lisboa*, 2014 <http://www.escritoras-em-portugues.eu/#> [acessado 5 maio 2019]; Maria Ondina Braga, *Mulheres escritoras: da biografia no texto ao texto da biografia* (Braga: Bertrand, 1980) <http://bibuma.uma.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=12016> [acessado 6 maio 2019].
- [3] Entende-se por "instrumentos de acesso à informação" o conjunto de tipologias documentais como guias, roteiros, catálogos, inventários, índices, listagens, bases de dados onde se registam dados descritivos sobre unidades ou conjuntos documentais com vista a facilitar a sua recuperação e acesso.
- [4] Chatarina Edfeldt, Uma história na História: representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX (Montijo: Câmara Municipal do Montijo, 2006), p. 30. Os instrumentos de acesso à informação têm uma função distinta da historiografia literária: a primeira consiste numa relação patrimonial e exaustiva de bens documentais, enquanto a historiografia literária tem como objetivo o

conhecimento de textos literários, elaborados “a partir de narrativas, cujas grandes linhas de força focalizam taxinomias como período, periodização, corrente literária, geração e autores e obras consagrados no cânone literário que, por sua vez são escolhidos por apresentar valores estéticos-literários dominantes” (Edfeldt, p. 22).

- [5] A historiografia literária portuguesa aqui considerada refere-se a obras de grande divulgação, como: António José. Saraiva e Óscar. Lopes, História da literatura portuguesa (Porto: Porto Ed., 2008); Francisco Lyon de Castro, História da literatura portuguesa (Lisboa: Publicações Alfa, 2001); Jacinto do Prado. Coelho, Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega, africana, estilística litéraria : dicionario de literatura (Lisboa: Figueirinhas, 2002); Álvaro Manuel Machado, Dicionário de literatura portuguesa (Lisboa: Presença, 1996); Eugénio Lisboa, Ilídio Rocha e Instituto Português do Livro e da Leitura, Dicionário cronológico de autores portugueses ([Lisboa]: Publicações Europa-América, 1990).
  Edfeldt, p. 29–30.
- [6] Edfeldt, p. 29–30.
- [7] Raimundo António de Bulhão Pato, *Memórias: homens políticos*, Vol. 2 (Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias, 1894), p. 279.
- [8] Edfeldt, p. 107.
- [9] Os congressos realizados na Madeira ou no continente atestam, por exemplo, a inexistência de estudos sobre o tópico em apreço. Cf. Maria Elisete Almeida e Michel Maillard, O feminino nas línguas, culturas e literaturas ([Funchal]: Centro Metagram Universidade da Madeira, 2000); Cristina Santos Pinheiro e Anne Martina Emonts, Mulheres : feminino, plural (Funchal: Nova Delphi, 2013); Portugal. Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres., O Rosto feminino da expansão portuguesa : congresso internacional realizado em Lisboa, Portugal 21-25 de novembro de 1994 : actas. (Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995).
- [10] Alberto Vieira, “Reescrever a História da Madeira e da Mulher”, Memória das Histórias das Gentes que fazem a História, Newsletter, 2014, 1–6; Maria Clara Pereira da Costa, “Testemunhos Históricos acerca do papel de algumas mulheres no contexto social madeirense – séc. XV e XVI”, in Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira, v. 3 (Funchal: CEHA, 1993), p. 315–20.
- [11] Cf. Anna M. Klobucka, “O cânone literário português e as mulheres” https://www.academia.edu/16572677/O_cânone_literário_português_e_as_mulheres [acessado 9 maio 2019].

- [12] Excetua-se o estudo de Cláudia Sofia Silva Neves, “O reino encantado de Luzia: a crónica da vivência e a eterna busca do ‘Eu’” (Universidade da Madeira, 2013) https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1757 [acessado 6 maio 2019].
- [13] Cf. Custódia Tânia da Côrte Nascimento, “Livros para a juventude de Ana Teresa Pereira: imaginário insular, diálogos interculturais” (Universidade da Madeira, 2017) https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1999 [acessado 6 maio 2019]; Carla Fernanda Martins Costelha Lopes, “Representações do feminino na contística de Maria Aurora Carvalho Homem” (Universidade da Madeira, 2015) https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1254 [acessado 6 maio 2019]; Maria Rute Martins Fernandes, “Uma história com estórias no feminino: o último cais e a deusa sentada de Helena Marques” (Universidade da Madeira, 2016) https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1324 [acessado 6 maio 2019]; Maria Lúcia Gama da Silva, “Cartografias da Madeira: roteiros culturais na produção ficcional de Helena Marques” (Universidade da Madeira, 2015) https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/704 [acessado 6 maio 2019].
- [14] Luzia, Cartas do Campo e da Cidade, Lisboa, Portugália, 1923, p. 195.
- [15] Cf. Ana Vicente e Filipa Lowndes, “Fora dos cânones: mulheres artistas e escritoras no Portugal de príncipios do século XX”, Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, 1999, 38–51.
- [16] Veja-se, por exemplo, os seguintes títulos: Luis dos (Fr.) Anjos, *Jardim de Portugal: em que se da noticia de alguas Sanctas & outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viverão, ou estão sepultadas neste Reino, & suas cõquistas* (Lisboa: em casa de Nicolao Carvalho, 1626) <http://purl.pt/14013> [acessado 5 maio 2019]; Luis dos (Fr.) Anjos e Maria de Lurdes Correia. Fernandes, *Jardim de Portugal* (Porto [Portugal]: Campo das Letras : Distribução, Empresa de Comércio Livreiro, 1999); Manuel Tavares, *Portugal illustrado pelo sexo feminino : noticia historica de muytas heroinas Portuguezas, que floreceraõ em Virtudes, Letras, e Armas* (Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. S., 1734); Damião de Fróis Perim, *Theatro heroino: abcedario historico e catalogo das mulheres illustres em armas, letras acçoens heroicas, e artes liberaes* (Lisboa Occidental: na officina da musica deTheotonio Antunes Lima, 1736).
- [17] Confira-se, por exemplo, os seguintes textos: Paula da Graça, *Bondade das Mulheres vendicada, e Malicia dos Homens manifesta. Papel metrico, e apologetico … composto pelo zelo di P. da G.* (Lisboa, 1715); Rui Gonçalves, *Dos privilegios &*

praerogativas que ho genero feminino te por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino (Lisboa: Apud Johanne Barreriu Regium Typographum, 1557); Gertrudes Margarida de Jesus, *Primeira carta apologetica, em favor, e defensa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao irmaõ amador do Dezengano, com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico* (Lisboa: na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1761) <http://purl.pt/22743> [acessado 5 maio 2019]; Gertrudes Margarida de Jesus, *Segunda Carta Apologética em Louvor e Defensa das Mulheres escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus* (Lisboa: Officina de Francisco Borges de Sousa, 1761); Hum Amigo da Razão, *Tractado sobre a Igualdade dos Sexos, ou Elogio do Merecimento das Mulheres, offerecido, e dedicado as Senhoras Illustres de Portugal* (Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1790).

- [18] Vanda Anastácio, ""'Feminism' in Portugal before 1800"", in *A New History of Iberian Feminisms*, org. Silvia Bermudez e Roberta Johnson (Toronto: Toronto University Press, 2018), p. 67–81.
- [19] Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e cronologica na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente. :Offerecida à Augusta Magestade de D. João V no*, *António Isidoro da Fonseca*, Vol. IV (Lisboa Occidental: António Isidoro da Fonseca, 1741), p. 443–44 <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/9454> [acessado 4 maio 2019].
- [20] Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez* (Lisboa: Impr. nacional, 1858).
- [21] Innocencio Francisco da Silva, p. 161.
- [22] É o caso da Viscondessa das Nogueiras, confundida com Maria do Monte de Santana e Vasconcelos em Conceiçao Flores, Constancia Lima Duarte e Zenobia Collares Moreira, *Dicionário de escritoras portuguesas : das origens à atualidade* (Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2009), p. 175. O mesmo erro ocorre em VV. AA., "Escritoras: Women Writers in Portuguese before 1900", *Universidade de Lisboa*, 2014 <http://www.escritoras-em-portugues.eu/#> [acessado 5 maio 2019].
- [23] Cabral do Nascimento tinha presente esta problemática entre nacionalismos e regionalismos literários em 1925. Este autor tinha presente que as literaturas nacional ou regional não se podem confundir com nacionalismos ou regionalismos literários, como explicita Salgueiro, "as primeiras como sistemas polifónicos e dinâmicos, constituídos por um repertório de textos e autores que lêem, escrevem e reescrevem

(esses e outros textos), mas também por uma comunidade de leitores e instituições que, definindo os seus cânones, validam e/ou questionam os valores aí em circulação", acrescentando também que "o nacionalismo ou regionalismo literários apenas seriam uma parcela constituinte do sistema literário, cf. AS Rodrigues, "Nacionalismos/Regionalismos Literários em Sistemas Literários Nacionais/Regionais: Revisitação de uma Problemática em Tempos de Crise e de Globalização", *Newsletter CEHA: "História da Madeira–Questões e Problemas"*, 15 (2012), 22–23 (p. 23) <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/Newsletter/Newsletter_15.pdf#page=22> [acessado 6 maio 2019].

- [24] Nuno Catharino Cardoso, "Poetisas portuguesas, antologia contendo dados bibliograficos e biograficos acêrca de cento e seis poetisas." (Lisboa: Edição e propriedade do auctor, 1917), p. xv, 295 p.. Refira-se que este autor foi marido da escritora madeirense Maria de Cabedo (*Vide infra*).
- [25] Teresa Leitão de Barros, *Escritoras de Portugal : génio feminino revelado na literatura portuguesa*, 2 vols. (Lisboa: T.L. de Barros, 1924).
- [26] Barros, vol. II, p. 31.
- 27] Barros, p. vols. II, 163.
- [28] Gina Guedes Rafael e Manuela Santos, *Jornais e revistas portugueses do século XIX*, Reimpressa (Lisboa: Ministério da Cultura, Biblioteca Nacional, 1998); Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, *Catálogo da Coleção de Jornais do Arquivo Regional da Madeira* (Funchal, 2016) <https://abm.madeira.gov.pt/idd/QW82>; A. Lopes de Oliveira, *Jornais e jornalistas Madeirenses* (Braga: Livraria Editora Pax, 1969).
- [29] Cf. Rosa Maria Galvão e João Luís Lisboa, *Os sucessores de Zacuto : o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI* (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2002); Vania Pinheiro Chaves, Isabel Lousada e Carlos Abreu, *As senhoras do Almanaque : catálogo da produção de autoria feminina* (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; CLEPUL, 2014); Vanda Anastácio, "Almanaques: origem, géneros, produção feminina", *Veredas: Revista da Associação Internacional de*, 18 (2012), 53–74 <http://www.revistaveredas.org/index.php/ver/article/download/63/63> [acessado 6 maio 2019].
- [30] Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário para o anno de 1875, org. Augusto Gil, Augusto Ribeiro, e F. J. Moniz de Bettencour (Angra do Heroismo: Typ. da Terceira, 1874); Almanach Insulano para Açores e Madeira Estatístico, Histórico e Litterário para o anno de 1874, org. Augusto Gil e Augusto

Ribeiro (Angra do Heroismo: Typ. da Terceira, 1873).

- [31] Almanach de lembranças madeirense, org. António Feliciano Rodrigues e Jaime Câmara (J.M. da Rosa e Silva, 1908-1910).
- [32] Almanach Ilustrado do Diário da Madeira, org. Cruz Baptista Santos e Francisco da Silva Reis (Funchal: Empreza do Diário da Madeira, 1913).
- [33] Cf. Thierry Proença dos Santos e António Fournier, "Antologias, traduções e redefinição dos mapas da cultura – o caso madeirense", Letras Convida, 6 (2012), 102–11 http://aclrevistaliteraria.academiacanarialengua.org/la-poesia-en-madeira/ [acessado 7 maio 2019].
- [34] Veja-se José Leite Monteiro e Alfredo Cesar de Oliveira, Flores da Madeira. Poesias de diversos authores madeirenses (Funchal: Typ. da Imprensa Livre, 1872).
- [35] Veja-se Francisco Vieira, Álbum Madeirense. Poesia de Diversos Autores Madeirenses (Funchal: Typographia Funchalense, 1884).
- [36] Alberto F. Gomes, "Algumas Notas sobre os Poetas das «Flores da Madeira»", Das Artes e da História da Madeira, 3.14 (1953), 4; Alberto F. Gomes, "Algumas Notas sobre os Poetas das «Flores da Madeira» II", Das Artes e da História da Madeira, 3.15 (1953), 5.
- [37] João Cabral do Nascimento, "Literatura madeirense: as poetisas (conclusão)", Diário de Notícias (Funchal, 27 agosto 1918); Fernando Augusto da Silva, "Poetas Madeirenses. Alguns Subsídios para uma Antologia", Das Artes e da História da Madeira, 4.24 (1956), 20–24.
- [38] Florival de Passos et al., Sete Poetas Madeirenses, num soneto a Shakespeare (folheto) (Funchal: Tipografia do "Eco do Funchal", 1944).
- [39] Aragão Correia et al., Arquipélago ([Funchal]: Editorial Eco do Funchal, 1952).
- [40] Luís Marino, Musa Insular (Poetas da Madeira), org. Tipografia do Eco do Funchal (Funchal, 1959). Deixou manuscrita a sua continuação Cf. Maria Mónica Teixeira e Fátima Barros, "Arquivos de escritores e investigadores madeirenses: instrumentos descritivos", Arquivo Histórico da Madeira, 23 (2016), 470–501.
- [41] José Sainz-Trueva e José António Gonçalves, Ilha 2 (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1979).
- [42] A. Vieira Freitas e José António Gonçalves, Ilha 3 (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1991).
- [43] Ana Falcão e José António Gonçalves, Ilha 4 (Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1994)

https://www.worldcat.org/title/ilha-4/oclc/225748565&referer=brief_results [acessado 7 maio 2019].

- [44] Irene Lucília. Andrade, Ilha 5, 1. ed. (Vila Nova de Gaia: 7 dias 6 noites, 2008).
- [45] Isabel Stephan, Ângela Borges e Rui Carita, Antologia literária : Madeira (Funchal: Governo regional da Madeira, Secretaria Regional de educação, 1986).
- [46] Ana Margarida Falcão, "Mulheres poetas: (Madeira – século XX)", Margem 2. Funchal, 2005, 38–41; Margarida Falcão, Escritores – viajantes ([Funchal]: Edicarte, 1998).
- [47] Contos madeirenses, org. João Nelson Veríssimo (Porto: Campo das Letras, 2005); José de Sainz-Trueva et al., Cadernos de Santiago I : colectânea de poesia (Lisboa: Âncora, 2016); Hélder Teixeira e pref. Nelson Veríssimo, Antologia Francisco Álvares de Nóbrega (Machido: Junta de Freguesia, 2010); Giampaolo Tonini, Poeti contemporanei dell'Isola di Madera (Venezia: Centro internazionale della grafica, 2001); Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt, Pontos luminosos : Açores e Madeira : antologia de poesia do século XX (Porto: Campo das Letras, 2006); Lapinha de poesia : antologia de poetas madeirenses, org. Nelson Veríssimo, 1a. ed. (Funchal: IA, Imprensa Académica, 2017); Thierry Proença dos. Santos e Francisco Correia, Levadas da Madeira : uma antologia literária, 1a. ed. (Funchal: Imprensa Académica, 2017); Sainz-Trueva e Gonçalves; Freitas e Gonçalves; Falcão e Gonçalves; Andrade.
- [48] Sobre as autoras referenciadas, consulte-se a entrada correspondente deste dicionário indicado na nota 1.
- [49] José Joaquim Rodrigues, Catálogo bibliográfico do arquipélago da Madeira (Funchal: Edição da Câmara Municipal, 1950).
- [50] Gilda Vieira e António de Aragão de Freitas, Madeira : investigação bibliográfica. Vol. 3 Catálogo por assuntos (Funchal: Centro de Apoio de Ciências Histórias, 1984); Gilda Vieira e António de Aragão de Freitas, Madeira : investigação bibliográfica. Vol. 2 Catálogo por assuntos (Funchal: Centro de Apoio de Ciências Histórias, 1984); Gilda Vieira e António de Aragão de Freitas, Madeira : investigação bibliográfica. Vol 1 Catálogo onomástico (Funchal: Centro de Apoio de Ciências Histórias, 1982).
- [51] Não referiremos aqui o "Dicionário Enciclopédico da Madeira" e o "Wikipedia", por serem projetos em processo de contrução.
- [52] Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, Elucidário madeirense, Vols. 1-2 (Funchal: Junta Geral do Distrito do Funchal, 1921); Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, Elucidário madeirense, 2. ed., 3 (Funchal: [Typographia

Esperança], 1940-1946).

- [53] Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, Elucidário madeirense, 2. ed. (Funchal: [Typographia Esperança], 1940), p. 521. Sobre a frequência da palavra "escritora", refira-se que, a título de exemplo, que, no volume 1, há 2 ocorrências da palavra, uma para "Câmara (D. Marta Celina Sauvayre da)" (sic) e outra referência a Ana de Albuquerque, esposa do militar Luís da Câmara Leme; no volume 2, há 4 ocorrências, referente a Mademoisselle de Loup (Judite Adriana Teixeira de Sousa Moniz) e Viscondessa das Nogueiras. Mas no caso de Olímpia Pio Fernandes (vol. 1), os autores do Elucidário Madeirense, referem que ela "cultivou as letras" (p. 29). No caso de "Almeida (D. Maria Helena Jervis de Atouguia e)" e "Castelo Branco (D. Joana de)" aparecem como "poetisas". Sobre as compositoras e artistas madeirenses, os autores desta enciclopédia não criaram entradas próprias, apenas recuperável no verbete "Música".
- [54] Alfredo de Freitas Branco, Notas e comentários para a história literária da Madeira, 3 vols. (Funchal: Edição da Câmara Municipal, 1943).
- [55] Branco, vol. III sobre Leolinda Jardim Vieira.
- [56] Branco, vol. III sobre Georgina Dias de Almeida.
- [57] Branco, vol. III sobre Arsénia de Bettencourt Miranda.
- [58] Branco, vol. II sobre Maria José da Costa Pereira.
- [59] Repare-se, por exemplo, neste comentário: "Devemos concordar que não era brilhante nem inigualável esta Dama no campo da poesia"; em referência à Luzia: "Fialho dizia que uma Escritora que foge da banalidade deve chamar-se «um homem de génio». Na verdade, nas mais das Vezes as intelectuais capricham em exteriorizar uma certa masculinidade, no trajar e nos conceitos, que lhes tira a característica de mulheres. Com a Senhora Dona Luísa Grande não aconteceu assim, porque foi dos espíritos mais geniais e das Artistas de mais refinado gosto, sem nunca perder o seu aprumo e a sua dignidade de Senhora", Branco, vol. III.
- [60] Cf. Sílvia Gilberta Gomes, "Memória e promoção cultural madeirense na obra do Visconde do Porto da Cruz" (Universidade da Madeira, 2014) <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/656> [acessado 6 maio 2019].
- [61] Luiz Peter Clode, Registo bio-bibliográfico de madeirenses : sécs. XIX e XX (Funchal: Caixa Económica, 1986).
- [62] Cf. os casos de Olímpia Pio Fernades e Carolina Dias de Almeida.
- [63] Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, "Panorama Literário do

Arquipélago da Madeira (PT/ABM/LMR/A/001)", Archeevo – Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, 2019 <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=661643> [acessado 6 maio 2019]; ver Teixeira e Barros.

- [64] Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, "Fundo Luís Marino. Temas Literários (PT/ABM/LMR/A/002)", Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira – Archeevo, 2019 <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/details?id=57647> [acessado 6 maio 2019].
- [65] Cf. verbete respetivo indicado na nota 1.
- [66] Entre outras que cultivaram este género, ver as sorores Antónia Angélica de Viterbo, Petronilha Rosa de São Pedro, Juliana Maria da Vitória e Josefa Maria Xavier. Cf. também Guiomar Madalena de Sá Vilhena.
- [67] O género vida, apesar do cunho (auto)biográfico, tanto escritas pelas religiosas como pelos seus confessores, corresponde, por vezes, a casos em que as religiosas biografadas se encontravam acusadas de heresia.
- [68] Uma leitora do "Diário de Notícias" perguntava: "Que fim levou D. Arcenia B. Miranda? – E D. Joanna Castello-Branco? – E D. Marianna S. F.? – E D. Maria L. da Costa Pereira? – D. Marianna Belmira d'Andrade? (…) porque razão, pois, t'os não mandam, e, se t'os enviam, porque lhes não dás publicidade?!", In Diário de Notícias. Funchal. N.º 223 (17-07-1877): p. 1.
- [69] Grande parte das entradas de autoras madeirenses do século XX constantes do "Panorama Literário do Arquipélago da Madeira" de Luís Marino atesta a falta de elementos biobibliográficos precisos.
- [70] Macedo, p. 10.
- [71] Veja-se, por exemplo, as religiosas Ana Josefa da Natividade, Antónia de Santa Rita, Antónia Rosa de Viterbo, Bibiana Narcisa do Lado, Carlota Matilde da Conceição, Clara Cecília de são José, Emília Romana do Empírio, Felisberta Cândida de São Bernardo, Joana Teresa da Glória, Josefa Maria da Encarnação, Maria Angélica da Nazaré, Maria da Exaltação, Maria do Lado, Maria Vitorina da Fé, Mariana Agostinha de Santa Gertrudes, Mariana da Paixão, Mariana da Vitória, Mariana de Santa Teresa, Petronila do Socorro, Teresa António do Amor Divino, Tomásia Delfina da Cantuária.
- [72] Pere Ferré, "Romanceiro e memória", in Memória & Sabedoria, org. José Pedro Serra et al. (Lisboa: Centro de Estudos Clássicos/Centro de Estudos Comparatistas/Húmus, 2011), p. 435–58 (p. 441) https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3011 [acessado 13 maio 2019].

- [73] Paulo Jorge Correia, “conto de tradição oral”, Aprender Madeira, 2016 http://aprenderamadeira.net/conto-de-tradicao-oral/+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt [acessado 14 maio 2019].
- [74] Alvaro Rodrigues de Azevedo, Romanceiro do archipelago da Madeira (Funchal: Typ. da “Voz do Povo”, 1880).
- [75] Cf. entrada em Macedo, seç. [185].
- [76] Otília Rodrigues Fontoura, As Clarissas na Madeira : uma presença de 500 anos, 1a ed. (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 2000) https://www.worldcat.org/title/clarissas-na-madeira-uma-presenca-de-500-anos/oclc/56943326&referer=brief_results [acessado 6 maio 2019].
- [77] Fontoura, p. 246.
- [78] Paulo J. S. Barata, “As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer”, Lusitania Sacra, 24 (2016), 125–52 http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/LusitaniaSacra/index.php/journal/article/view/209 [acessado 6 maio 2019]. Este estudo menciona erroneamente os conventos femininos madeirenses, por confusão com a transferência do cartório conventual para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- [79] Entre os estudos sobre a atividade conventual, não se fez especial realce para os cartórios, apesar de os estudos sobre estas instituições terem consultado os seus fundos documentais, como em Eduarda Maria de Sousa Gomes, O Convento da Encarnação do Funchal : subsídios para a sua história, 1660-1777 (Funchal: Região Autónoma da Madeira, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, 1995); João Sousa, O Convento de Santa Clara do Funchal, 1. ed. (Funchal: Secretaria Regional do Turismo Cultura e Emigração, 1991). Fontoura faz especial realce para este aspeto, cf. nota 96.
- [80] Portugal, Codigo Civil Portuguez, 2.a ed. (Lisboa: Imprensa Nacional, 1868), seç. 208.
- [81] L. S. Ascensão de Macedo, Da Voz à Pluma: Escritoras e património documental de autoria feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde: guia biobibliográfico (Ribeira Brava: Ed. de autor, 2013) https://doi.org/10.13140/rg.2.1.4595.1607.
- [82] Porfírio Pinto, “O papel dos padres no desenvolvimento da imprensa periódica na Madeira”, in Diocese do Funchal:a primeira diocese global: História, Cultura e Espiritualidades, org. José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa, Vol. II (Funchal;

Lisboa: Diocese do Funchal; Esfera do Caos, 2015), p. 719–25.

- [83] No contexto do Decreto de 7 de maio de 1856, que criou no Distrito do Funchal doze cadeiras de instrução primária para o sexo masculino e oito para o feminino. Cf. http://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/31/11/p185. As vagas para escolas públicas femininas só foram criadas para Santa Cruz, Machico, Santana, S. Vicente, Porto Moniz, Calheta, Câmara de Lobos e Porto Santo.
- [84] Nelson Veríssimo, "A Escola Pública de Meninas do Concelho de Câmara de Lobos: o discurso inaugural do Comissário de Estudos", Revista Girão, 2.3 (2006), 53–57.
- [85] Rogério Fernandes, "Educação e Ensino Popular na Madeira (Séc. XVIII – 1840)", Revista da Universidade de Coimbra, 37 (1992), 1–69. Temos, por exemplo, o caso da mestra Faustina Maria de Jesus a oferecer serviços de ensino da leitura, escrita, contagem e lavores femininos (O Patriota Funchalense, n. 111, v. 2 de 27-07-1822).
- [86] Cláudia Faria Gouveia, Phelps – percursos de uma família britânica na Madeira de oitocentos, org. Francisco Faria Paulino (Funchal: Empresa Municipal Funchal 500 Anos, 2008).
- [87] Veja-se, por exemplo, no artigo assinado por S. G. em "Os direitos da mulher", A Grinalda Madeirense, n.º 4 (1880-04-04): p. 1, onde o autor refere que "A mulher não deve sahir do ambiente para que foi creada; (…) Este [o homem] tem a actividade do trabalho; ella o carinho da familia. […] Tem a instrucção em toda a amplitude do seu vasto terreno; estudem. Tem os elementos para educarem os seus filhos; aprendam-n'os. Tem os necessários recursos para a sua vida tranquilla de familia; aproveitem-n'os. Para que intrometterem-se na politica? Para que ambicionarem ter voto no suffragio universal as eleições?".
- [88] José António Monteiro Teixeira, Obras poéticas, Tomo I, Madeira, Na Typ. de L. Vianna Junior, 1848, p. 27 e sgg.
- [89] Joana de Castelbranco, "A instrução da Mulher", In A Lâmpada. Funchal. N.º 23 (13-05-1873): p. 3; republ. Diário de Notícias. Funchal. N.º 188 (06-05-1877): p. 1-2.